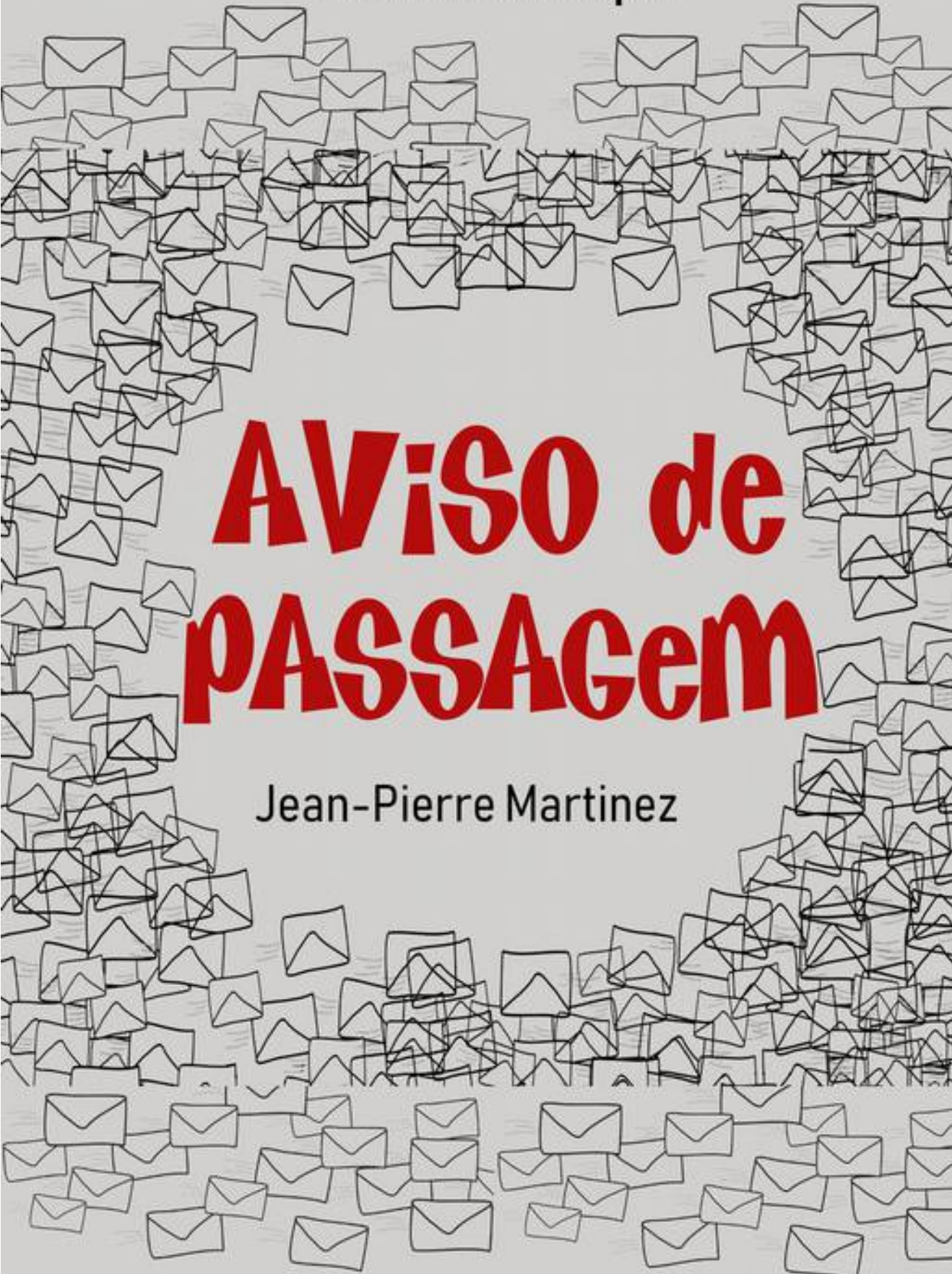


La Comédiathèque



AVISO de PASSAGEm

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Aviso de passagem

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

No átrio de um edifício, entre as caixas de correio e o teclado de acesso, cruzam-se personagens insólitas que nem sempre se conseguem entender...

1. Código de acesso.....	3
2. Cartas de insultos.....	7
3. Os monos.....	9
4. Carta morta.....	12
5. Diabólico.....	15
6. Encomenda-bomba.....	18
7. Endereço errado.....	21
8. Convite.....	24
9. Carta de amor.....	28
10. O intruso.....	30
11. Dar e receber.....	32
12. Aviso de passagem.....	36

29 personagens:

*Distribuição muito flexível quanto ao número e ao género:
cada intérprete pode desempenhar vários papéis
e a maioria das personagens pode ser interpretada por homens ou mulheres.*

1. Código de acesso

Uma mulher entra no átrio de um edifício e para, intrigada, diante do teclado que abre a porta das escadas. Chega um homem e prepara-se para marcar o código.

Mulher – Desculpe... Posso entrar consigo? É que não sei o código...

Homem – Ah... Sim... Quer dizer que não sabe o código?

Mulher – Sim... Foi o que acabei de dizer, não foi?

Homem – Bem... Em princípio, é preciso saber o código para entrar neste edifício. É precisamente para isso que ele serve...

Mulher – Em princípio?

Homem – Quem sabe o código pode entrar. Quem não sabe, não entra. Se não fosse assim, para que serviria?

Mulher – Ah, já percebi...

Homem – Pois...

Mulher – Portanto, não me vai deixar entrar?

Homem – Pois não...

Mulher – Acha que sou uma ladra, é isso?

Homem – Não sei... Se morasse aqui, como é que não sabia o código?

Mulher – Podiam tê-lo alterado sem me avisarem!

Homem – Não muda há vinte anos.

Mulher – Podia ter-me esquecido!

Homem – Acredite, é impossível esquecer este código. Há muitos idosos no prédio, por isso escolhemos um número fácil de decorar. Até alguém com Alzheimer em fase avançada se esqueceria da data em que nasceu antes de esquecer o código deste edifício...

Mulher – 1492? 1914? 1945?

Homem – 1945?

Mulher – O fim da guerra. Não lhe diz nada?

Homem – Portanto, a senhora não mora aqui...

Mulher – E o senhor? Ainda se lembra da data em que nasceu?

Homem – Se não mora aqui, quem é que vem visitar?

Mulher – Mas isso não é da sua conta! É polícia?

Homem – Não. Mas este prédio é meu.

Mulher – É dono do prédio inteiro?

Homem – Sou proprietário de um dos apartamentos. Zelo pela segurança dos moradores e dos seus bens.

Mulher – Percebo... Uma espécie de polícia por conta própria. Cuidado, que as ditaduras costumam acabar mal.

Homem – Diga-me apenas o que vem cá fazer.

Mulher – Vim assassinar alguém. Está satisfeito?

Homem – Em que andar?

Mulher – Isso faz alguma diferença?

Homem – É só para ver se continua a mentir.

Mulher – A velhota do quinto.

Homem – No quinto mora um casal de homens e uma mãe solteira.

Mulher – Uma mãe solteira? Mas em que século vive? No XIX?

Homem – Bem, queria dizer uma mulher que cria o filho sozinha...

Mulher – Uma família monoparental! É assim que se diz hoje em dia.

Homem – Seja como for, não há nenhuma velhota no quinto. Portanto, está a mentir!

Mulher – Claro que estou. Se viesse mesmo matar alguém, acha que lhe dizia em que andar?

Homem – Continuo sem saber o que vem cá fazer.

Mulher – Para dizer a verdade, não vinha cá com intenções homicidas. Mas, depois de o conhecer, já não tenho tanta certeza...

Homem – Pode fazer as piadas que quiser. Enquanto não souber ao que vem, não a deixo entrar.

Mulher – Está bem... Venho visitar alguém. Assim serve?

Homem – Ah, sim? Quem?

Mulher – O dentista.

Homem – Dói-lhe algum dente?

Mulher – É mais complicado...

Homem – Qual dentista? Há pelo menos três ou quatro neste edifício.

Mulher – Não sei o nome dele. O verdadeiro nome, quero dizer.

Homem – Muito conveniente...

Mulher – Não, não é nada conveniente. Conheci-o na Internet. Só sei o nome que usa lá.

Homem – Um pseudónimo?

Mulher – Ele convidou-me para ir a casa dele, mas esqueceu-se de me dar o código.

Homem – Convida-a para casa e não lhe dá o código...

Mulher – Esqueceu-se, já lhe disse!

Homem – Então ligue-lhe.

Mulher – Não tenho o número.

Homem – Ah, também não lhe deu o telefone... Pelos vistos, faz questão de proteger a intimidade. Tem a certeza de que a convidou? Nem sequer lhe deu o código...

Mulher – Deu-me a morada. Disse que estava no terceiro andar e que era dentista. Se não quisesse ver-me...

Homem – Dentista, no terceiro? Então deu-lhe a morada do consultório, não a de casa.

Mulher – E depois?

Homem – Isso explica por que não lhe deu o código.

Mulher – Como assim?

Homem – Porque de dia não é preciso código.

Mulher – Portanto, há mesmo um dentista no terceiro.

Homem – Há.

Mulher – Está a ver? Não menti.

Homem – Também está escrito na placa à entrada.

Mulher – Que placa?

Homem – A placa profissional, lá fora, ao lado da porta.

Mulher – Está bem... Continua sem me deixar entrar?

Homem – Depende... Qual é o seu pseudónimo?

Mulher – Desculpe?

Homem – Disse que só conhece o dentista pelo pseudónimo. Suponho que ele também só a conhece por um nome de código.

Mulher – E porque haveria de lhe dar o meu? É uma coisa muito pessoal, não acha? Mais do que o código de um prédio, pelo menos...

Homem – Digamos que é uma troca.

Mulher – Alex343.

Homem – Alex343?

Mulher – O quê? Também não gosta?

Homem – Gosto, gosto... Alex343 é um nome muito bonito. (*Mudando de tom.*) Sobretudo para uma pessoa tão bonita... Dá vontade de conhecer os outros 342 Alex.

Mulher – Agora está a fazer-se a mim? Que lata!

Homem – Começámos com o pé esquerdo. Permita-me apresentar-me: Domi459.

Mulher – Domi459? Então é o senhor?

Homem – Espero que não esteja muito desiludida...

Mulher – Não, não... Só que não o imaginava assim...

Homem – Desculpe não lhe ter dado o código, mas de dia não é preciso...

Mulher – Claro.

Homem – Nunca se sabe com quem nos vamos cruzar.

Mulher – Tem razão. Toda a cautela é pouca.

Homem – Encontrou facilmente o edifício?

Mulher – Sim... Até chegar a esta porta.

Ele indica-lhe a porta.

Homem – Faça favor, entre...

Mulher – Eh...

Homem – Ah, claro... Não sabe o código. Vou eu primeiro... 1945. Fácilmo de decorar.

Mulher – Pois é, muito prático...

Homem – Mas ainda não me apresentei pelo nome verdadeiro. Afinal, só me conhece pelo pseudónimo...

Mulher – O seu nome está na placa à entrada.

Homem – Ah, pois é! E o seu nome verdadeiro, qual é?

Mulher – Se não se importa, prefiro conhecê-lo um bocadinho melhor antes de lhe dar esse código de acesso...

Saem.

2. Cartas de insultos

Uma mulher chega, abre a caixa de correio e verifica, desiludida, que está vazia. Entra um homem.

Homem – Hoje também não há correio?

Mulher – Ainda há uns anos recebia uma participação de falecimento de vez em quando. Depois, cada vez menos. Tenho a impressão de ser a última sobrevivente da minha geração.

Homem – Se eu morrer primeiro, prometo mandar-lhe uma participação do meu falecimento.

Mulher – Muito simpático da sua parte. Continuo a descer todas as manhãs para ver se tenho correio. Sempre faço um bocadinho de exercício.

O homem abre a sua caixa, que está a abarrotar de cartas.

Homem – Dava-lhe de boa vontade parte do meu, mas são quase todas cartas com insultos.

Mulher – Insultos? Ah, pois... É verdade que a sua mulher o deixou...

Homem – Acho que não suportou a minha mudança de profissão. Mas não é ela que me escreve todas estas cartas.

Mulher – Já não é professor de Português?

Homem – Despedi-me há uns meses. Agora trabalho num talho especializado em carne de cavalo.

Mulher – Deve ser uma grande mudança.

Homem – Suja-se mais.

Mulher – É uma mudança de carreira e tanto.

Homem – Desde pequeno que queria trabalhar com carne. Há quem sonhe ser bombeiro; eu sonhava ser talhante.

Mulher – Tem de haver gente para tudo, não é?

Homem – Os meus pais eram os dois professores universitários de Filosofia. Imagine o entusiasmo deles! Acho que teriam preferido que lhes dissesse que era gay e queria ser ator. Por isso tirei um curso de Letras, para lhes fazer a vontade, e casei com uma professora de Latim. Mas a vocação falou mais alto: fiz um curso à noite, tirei o diploma, divorciei-me pelo caminho... E aqui estou, finalmente talhante!

Mulher – Ser talhante é uma profissão respeitável. Mas porquê cavalos?

Homem – Os bois e os vitelos faziam-me lembrar demasiado os meus antigos alunos...

Mulher – Compreendo... Mas e essas cartas cheias de insultos? Suponho que não sejam os cavalos a escrever-lhe para se queixarem...

Homem – Ah, não. Não têm nada a ver com o talho. São os meus antigos alunos que continuam a escrever-me. Deixei de dar aulas em junho e ainda não sabem que me despedi.

Mulher – E vai ler tudo isso?

Homem – Nem pensar! Se ao menos escrevessem bem... Mas têm um vocabulário paupérrimo, uma sintaxe deplorável e uma ortografia desastrosa. Veja, vou abrir uma ao acaso...

Abre um envelope e lê.

Homem – «Vai-te lixar, filho da mãe! Quando te apanhar, parto-te a cara...» Uns autênticos vitelos, digo-lhe eu.

Mulher – Sabe uma coisa? Não o mereciam.

Homem – Isto vai direitinho para a reciclagem.

Mulher – Então dê-mas a mim. Sempre me entretêm.

Homem – Se insiste... (*Entrega-lhe o monte de cartas.*) Mas depois não diga que não a avisei.

Mulher – Se encontrar alguma que tenha interesse do ponto de vista literário, guardo-a para si.

Homem – Combinado! E eu guardo-lhe um bifinho de cavalo para o almoço. É muito saudável: tem menos gordura do que a carne de vaca e é rico em ferro.

Mulher – Ferro? Espero que não seja o das ferraduras.

Homem – Ora, uma ferradura dá sorte! Bem, passe bem. A carne não espera! Como dizia um escritor: é preciso que haja sangue!

Mulher – Obrigada, e um bom dia para si!

Ele sai. Ela observa o monte de cartas.

Mulher – Vamos lá ver...

Afasta-se também, a ler a primeira carta que acaba de abrir.

3. Os monos

O palco está vazio, à exceção de um grande contentor de lixo com rodas e tampa amarela. Entra uma mulher que puxa outro igual, mas de tampa verde. Elegante e de saltos altos, tenta conservar alguma dignidade na humilhante tarefa de pôr ela própria o lixo na rua. O telemóvel toca e ela atende.

Mulher 1 – Estou? Ah, boa tarde, Daniel! Não, não incomodas nada. Estava a arrumar uns papéis e ia tomar um banho... Hoje, às sete e meia? Perfeito! Mas tens a certeza de que... A tua última paciente? Ótimo. Assim ainda podemos beber um copo depois, para nos conhecermos melhor. Ou jantar, se preferires... Conheço um japonês ótimo ali perto de... Ah, não gostas de sushi! Não, também gosto muito de comida tradicional... Combinado, até logo... Sim, tenho a morada do consultório... Ah, é preciso código depois das sete? Espera, vou apontar... Estou na casa de banho e não tenho nada em cima... Quer dizer, nada onde escrever...

Tira um lápis da mala, mas apercebe-se de que não tem papel. Abre a tampa do contentor amarelo e, vendo-o vazio, deixa-a aberta. Depois abre o seu contentor e tira de lá uma caixa de cereais de baixo teor calórico.

Mulher 1 – Pronto, diz lá... Ufa, realmente é complicado... *(A brincar.)* Não podias ter escolhido 1492, 1914 ou 1945, como toda a gente? Ah, é a data em que morreu a tua sogra... Tens razão, assim é mais difícil para um ladrão adivinhar... Mas repete mais devagar, por favor. Só um instante, deixa-me pôr-me mais à vontade...

Tenta escrever na caixa de cartão com uma mão, enquanto segura o telemóvel com a outra. Acaba por apoiar a caixa no rebordo do contentor amarelo, que deixou aberto. O cartão cai ao chão e, ao tentar apanhá-lo, deixa cair o telemóvel para o fundo do contentor vazio.

Mulher 1 – Oh, não, só me faltava esta... *(Para o fundo do contentor.)* Estou? Daniel? Estás a ouvir-me? *(Inclina-se para tentar recuperar o telemóvel.)* Estou? Mal te ouço...

Acaba por cair de cabeça dentro do contentor. Só as pernas ficam de fora, a espernear, enquanto se ouvem gritos abafados. Entra um homem com um telemóvel na mão.

Homem – Estou? Estou? Estás a ouvir-me?

A mulher dele aparece atrás dele.

Mulher 2 – Daniel? O que estás aqui a fazer?

Daniel guarda imediatamente o telemóvel. Receosa de ser vista naquela posição embaraçosa, a mulher presa no contentor recolhe as pernas e fica imóvel.

Homem – Eu... Vinha buscar o contentor para o levar para cima... Afinal, o cabeleireiro conseguiu atender-te?

Mulher 2 *(secamente)* – Conseguiu. Acabo de sair de lá.

Homem – Ah, muito bem...

Mulher 2 – Não te esqueceste de que esta noite tenho a festa de despedida do meu chefe?

Homem – Não, claro que não... Vou aproveitar para pôr a contabilidade em dia no consultório.

Ela vê a caixa de cereais no chão.

Mulher 2 – Que falta de civismo... *(Apanha a embalagem e deita-a no contentor.)* E tenho a impressão de que os vizinhos novos são os piores... Por falar nisso, já conheceste a vizinha nova?

Homem – Qual vizinha?

Mulher 2 – Não me digas que não reparaste nela... Aquela do peito enorme...

Homem – Ah, essa...

Mulher 2 – Estás a ver? Lembras-te bem.

Homem – É uma mulher bastante bonita, de facto.

Mulher 2 – Eu acho-a um bocado vulgar, mas enfim...

Homem – Vulgar?

Mulher 2 – Julgo que é divorciada...

Homem – Foi ela que te disse?

Mulher 2 – Uma mulher que leva o lixo à rua sozinha só pode viver sozinha. E, como já tem idade a mais para ser solteira, deve ser divorciada... Ou viúva.

Homem – Não é assim tão velha...

Mulher 2 – Deve ter mais ou menos a minha idade.

Homem – Ah, sim? Não parece...

Mulher 2 – Quando a vês de roupão, de manhã, ainda sem maquilhagem, parece, acredita... Mas vejo que te impressionou bastante.

Homem – Foste tu que falaste nela. *(Uma pausa.)* E hoje telefonou para o consultório a pedir uma limpeza de tártaro...

Mulher 2 – Uma limpeza de tártaro? Quando?

Homem – Esta noite.

Mulher 2 – Ah... Devia ser uma urgência. Deve ter tártaro até às orelhas...

Homem – Talvez tenha um encontro importante...

Mulher 2 – Pois, pois... Desde que não a tragas para casa. Porque, se isso acontecer, aviso-te já: sou capaz de tudo...

Homem – Trazê-la para casa? Onde foste buscar essa ideia?

Começam a afastar-se.

Mulher 2 – Não vais levar o contentor?

Homem – Vou, vou... (*Agarra a pega do contentor e segue a mulher.*) Mas, quando dizes que és capaz de tudo... Não estás a falar de matar ninguém, pois não?

Ouve-se um telemóvel a tocar dentro do contentor.

4. Carta morta

Entra uma pessoa (homem ou mulher) para ver o correio. Abre a caixa, tira alguns envelopes e observa-os rapidamente.

Inquilino – Conta, impostos, quotas, conta...

Chega outra pessoa (homem ou mulher), um carteiro. Procura um nome entre as caixas de correio.

Carteiro – Desculpe... Conhece o senhor Martins?

Inquilino – Conheço...

Carteiro – Não vejo o nome dele nas caixas. Em que andar mora?

Inquilino – No sétimo. Mas morreu na semana passada.

Carteiro – Ah... Portanto, de certa maneira, mudou-se.

Inquilino – Pode dizer-se isso...

Carteiro – É que tenho uma carta registada para lhe entregar...

Inquilino – Ah, pois... Que chatice.

Carteiro – E agora, o que faço?

Inquilino – Não sei...

Carteiro – Não deixou outra morada?

Inquilino – Já lhe disse que morreu.

Carteiro – Pois... Mas quem é que vai assinar a minha carta registada?

Inquilino – Isso é que eu não sei...

Carteiro – Portanto, não vai voltar...

Inquilino – É pouco provável.

Carteiro – Isso complica-me a vida.

Inquilino – Há pessoas que só dão problemas... Mas duvido que tenha morrido só para lhe complicar a vida.

Carteiro – Hum... E o senhor não podia assinar por ele?

Inquilino – Porque haveria de fazer isso?

Carteiro – Entre vizinhos, é sempre bom ajudarmo-nos. Poupava-me outra viagem.

Inquilino – Outra viagem? Para quê?

Carteiro – Para lhe entregar a carta registada!

Inquilino – Mas o homem morreu! Morreu, percebe? A morte pode ter muitos inconvenientes, mas ao menos livra-nos definitivamente das cartas registadas!

Carteiro – Compreendo.

Inquilino – Pode sempre deixar-lhe um aviso de passagem!

Carteiro – Acha?

Inquilino – Afinal, que carta é essa? Uma notificação de impostos? Um aviso de despejo? Uma multa?

O carteiro olha para o envelope.

Carteiro – Vem da Lotaria Nacional.

Inquilino – Da Lotaria Nacional?

Carteiro – Então não deve ser má notícia.

Inquilino – Acha mesmo que, depois de morto, alguém distingue as boas das más notícias?

Carteiro – Claro... Mas, ainda assim...

O inquilino tira a carta registada das mãos do carteiro.

Inquilino – Deixe-me ver... É mesmo da Lotaria Nacional...

Carteiro – Sabe se ele jogava?

Inquilino – Não sei. Mal o conhecia. Cruzávamo-nos de vez em quando... Tinha um cão...

Carteiro – E o que lhe aconteceu?

Inquilino – Já lhe disse que morreu.

Carteiro – O cão também morreu?

Inquilino – Não, o cão não! O homem!

Carteiro – E o que foi feito do cão?

Inquilino – Do cão? Não faço ideia...

Carteiro – É triste, um cão ficar sozinho no mundo... Não percebo essas pessoas que arranjam animais e depois os abandonam. Ter um animal é uma responsabilidade. Há quem não perceba isso...

Inquilino – Acha que ganhou o primeiro prémio?

Carteiro – Se ganhou, convém que apareça depressa. Há um prazo para reclamar o prémio. Depois disso, perde-se o dinheiro e volta tudo a sorteio.

Inquilino – Seria uma pena...

Carteiro – Então, que fazemos?

Inquilino – Fazemos?

Carteiro – Como diz, seria uma pena...

Inquilino – Está bem. Eu assino.

Carteiro – Assim escuso de voltar.

O inquilino assina o recibo, abre ansiosamente o envelope e lê.

Carteiro – Então?

Inquilino – É um acerto final de contas...

Carteiro – Não é um cheque?

Inquilino – Ele trabalhava na Lotaria Nacional. É só a comunicação do fim do contrato.

Carteiro – Portanto, ainda por cima ficou sem emprego... Que azar. Com a dificuldade que há em arranjar trabalho...

Inquilino – Sobretudo quando se está morto.

Carteiro – E com a crise, as deslocalizações e tudo o resto...

Inquilino – Sei bem como é. Também estou desempregado.

Carteiro – Pois, que pouca sorte... E nunca sai o prémio grande a quem mais precisa dele, não é?

Inquilino – Pois não...

Carteiro – Ontem li no jornal: «Ganha sessenta milhões na lotaria e continua a viver exatamente como antes.» Há pessoas que não mereciam ganhar!

Inquilino – Sem dúvida...

Carteiro – Bem, tenho de continuar a distribuição.

Prepara-se para sair. O inquilino mostra-lhe a carta.

Inquilino – E faço o quê com isto?

Carteiro – Isso agora é consigo. Desde que tenha assinado o recibo...

O carteiro prepara-se para sair.

Carteiro – Mas, se fosse a si, escrevia-lhes.

Inquilino – A quem?

Carteiro – À Lotaria Nacional! Acabou de ficar um lugar vago!

O carteiro sai. O inquilino observa a carta registada, perplexo.

5. Diabólico

Entra uma pessoa (homem ou mulher), a transportar uma caixa visivelmente pesada. Chega outra pessoa.

Um – Isso parece pesado... Estás de mudanças?

Dois – Nota-se assim tanto?

Pousa a caixa em cima de outra que já está no chão.

Um – Ajudava-te, mas com as minhas costas...

Dois – Obrigado na mesma...

Senta-se nas caixas para recuperar o fôlego. O outro tira um maço de cigarros.

Um – Queres um?

Dois – Obrigado, já estou à beira de um ataque...

O outro guarda o maço.

Um – Tens razão, também devia deixar isto... Vou antes chupar uma pastilha.

Tira uma caixa de pastilhas.

Um – Queres uma?

O outro faz um gesto a recusar.

Dois – Não, obrigado. Já estou cheio de sede.

Um – Já experimentei tudo, até acupuntura, mas não consigo largar de vez.

Dois – Hum...

Um – É curioso... Nunca te vi neste prédio e acabámos por nos conhecer no dia em que te vais embora.

Dois – A isto chamas tu conhecer alguém?

O primeiro limita-se a sorrir enquanto mastiga a pastilha.

Um – Então, para onde vais com essas caixas todas?

Dois – Para o décimo nono distrito.

Um – Para o décimo nono?

Dois – Sim, o distrito. Não o século XIX.

Um – Isso vai ser uma mudança.

Dois – Enfim, do vigésimo para o décimo nono distrito também não há assim tanta diferença.

Um – E agora já não nos vamos voltar a ver...

Dois – Dizia-te que vou ter saudades, mas como nunca nos tínhamos visto... Moras aqui há muito tempo?

Um – Ah, não. Eu não moro aqui.

Dois – Isso talvez explique por que nunca nos encontramos...

Um – Tenho o consultório no terceiro andar.

Dois – Já percebi. O dentista.

Um – Não, não. O meu consultório fica em frente ao dele. Sou exorcista.

Dois – Exorcista...?

Um – Evidentemente, não está escrito na porta.

Dois – Claro.

Um – Atendo sobretudo ao fim da tarde. Às vezes à noite, para ser mais discreto.

Dois – Isso explica por que nunca nos cruzámos...

Um – Os meus pacientes nem sempre querem ser reconhecidos...

Dois – Também não gostava de me cruzar com eles nas escadas, a altas horas...

Um – Não acreditas nos exorcismos.

Dois – Nota-se assim tanto?

Um – Não te levo a mal. Mas estás enganado.

Dois – Talvez... E resulta?

Um – Olha à tua volta... E, sobretudo, olha para quem manda. Não achas que há trabalho de sobra?

Dois – Talvez... Pena não poderes divulgar o nome dos teus clientes.

Um – Nota-se logo quem nunca veio cá. Basta ouvi-los falar. Se alguns se tivessem submetido a um exorcismo a tempo, talvez tivéssemos governantes um bocadinho mais normais.

Dois – Talvez... Mas, com tantos poderes sobrenaturais, ainda não conseguiste deixar de fumar?

Um – Ainda não encontrei a fórmula mágica para me libertar das forças diabólicas da nicotina.

Dois – Marlboro, sai desse corpo!

Uma pausa.

Um – E tu, porque é que te mudas, se posso perguntar?

Dois – Bem... Antes de mais, para ficar mais perto do trabalho.

Um – Mudando-te do vigésimo para o décimo nono distrito?

Dois – E também... Como hei de explicar? Porque sentia uma presença diabólica no apartamento onde vivia, no último andar.

Um – A sério? Devias ter-me dito antes.

Dois – Infelizmente, ainda não te conhecia.

Um – E quando dizes «presença diabólica», a que te referes exatamente?

Dois – Sobretudo... à minha mulher.

Um – Compreendo... Tenho muitos casos como o teu.

Dois – Bom, tenho de continuar. Já que não me queres ajudar...

Um – Podia tentar exorcizar a tua mulher.

Dois – A sério? Conseguias?

Um – Em que andar mora ela?

Dois – No oitavo.

Um – Desceste essas caixas todas de um oitavo andar sem elevador?

Dois – E ainda tenho muitas mais para descer...

Um – Ah... Um oitavo andar sem elevador... Isso é mesmo diabólico.

Dois – Pois...

Um – Lamento, mas aí... Não posso fazer nada por ti.

Afasta-se. O outro fica com as caixas, perplexo. Prepara-se para sair quando entra uma nova personagem, interpretada pelo mesmo ator, com uma máscara de Carnaval. Procura um nome nas caixas de correio ou nas placas dos consultórios.

Três – Desculpe, em que andar fica o exorcista?

Dois – No terceiro. Em frente ao dentista.

Três – Pois, não há nenhuma placa cá em baixo.

Dois – Nem lá em cima.

Três – Obrigado...

A personagem mascarada sai. A outra fica sentada numa das caixas.

Dois – Acho que já não era sem tempo que me mudava...

6. Encomenda-bomba

Um carteiro (homem ou mulher) entra com uma encomenda e cruza-se com uma moradora.

Carteiro – Ah, ainda bem que a encontro. Tenho aqui uma encomenda para si.

Inquilina – Obrigada.

O carteiro entrega-lhe a encomenda.

Carteiro – Só uma assinatura...

Inquilina – Claro.

Com as mãos ocupadas, a moradora devolve a encomenda ao carteiro para poder assinar o comprovativo.

Inquilina – Segure-me isto só um instante, por favor.

Assina e sorri.

Inquilina – Espero que não seja uma encomenda-bomba...

O carteiro responde a brincar.

Carteiro – Por acaso, até parece que se ouve um tiquetaque lá dentro...

Riem.

Inquilina – Hoje em dia vê-se de tudo... *(Para subitamente de rir.)* Está a falar a sério?

O carteiro encosta o ouvido à encomenda.

Carteiro – Parece uma anedota, mas... Olhe que sim...

A moradora fica inquieta. Também ela encosta o ouvido à encomenda.

Inquilina – É verdade... Também estou a ouvir. Acha que pode ser...?

O carteiro muda de tom.

Carteiro – Conhece alguém que tenha motivos para a odiar assim tanto?

Inquilina – Não sei... Tirando a minha sogra... Mas toda a gente tem inimigos, não é?

Carteiro – Mesmo assim...

A moradora hesita.

Inquilina – Agora já não sei se quero ficar com isso...

Carteiro – E eu, o que faço?

Inquilina – Leve-a de volta aos correios.

Carteiro – Ainda não terminei a volta! E se aquilo me rebenta nas mãos pelo caminho? Além disso, já assinou...

Estende-lhe a encomenda, mas ela recusa pegá-la.

Inquilina – E se chamássemos a polícia?

Carteiro – A polícia?

Inquilina – Como quando se encontra um objeto suspeito numa estação ou num comboio.

Carteiro – Está a falar de uma equipa de inativação de explosivos?

Inquilina – Eles saberão o que fazer.

Carteiro – E se a bomba rebenta antes de chegarem?

Inquilina – Não sei... E se a atirássemos para a rua?

Carteiro – E se magoa alguém? Pode haver crianças a passar. É a hora da saída da escola... Não podemos fazer isso.

Inquilina – Tem razão... Só nos resta prepararmo-nos para morrer com dignidade, com o consolo de que o nosso sacrifício terá poupado algumas vidas inocentes...

Carteiro – O nosso sacrifício? O que é que está a sugerir?

Inquilina – Temos de agir! E depressa!

Arranca a encomenda das mãos do carteiro, atira-a ao chão e começa a pisá-la com violência.

Carteiro – Mas está maluca?

Inquilina – Não explodiu...

Carteiro – Não...

Ambos se inclinam sobre os restos da encomenda.

Carteiro – Ah, afinal era um relógio de parede... Mas não vejo bomba nenhuma.

Inquilina – É estranho...

Carteiro – A propósito, quem é o remetente?

Inquilina – O remetente?

Carteiro – Deve estar indicado no comprovativo.

Inquilina – Ah, pois...

O carteiro consulta o comprovativo.

Carteiro – Vem da Suíça. Que curioso...

Inquilina – Pois... Talvez seja o país do mundo com menos terroristas.

Carteiro – Senhora Martins... Conhece?

Inquilina – É a minha sogra.

O carteiro remexe os destroços.

Carteiro – Espere... Está aqui uma carta de reivindicação!

Entrega-lhe um papel, que ela lê.

Inquilina – «Feliz aniversário, meu querido...» É para os anos do filho dela.

Carteiro – Do filho?

Inquilina – Do meu marido!

Carteiro – Um relógio de parede... Que presente estranho para um aniversário.

Inquilina – O meu sogro é relojoeiro.

Carteiro – E isso não lhe ocorreu quando ouviu o tiquetaque?

Os dois contemplam os restos do presente.

Carteiro – O seu marido vai ficar radiante... Quantos anos faz?

Inquilina – Mesmo assim, parece-me sentir um cheiro a pólvora. Não acha?

Carteiro – A mim cheira-me mais a chocolate.

Inquilina – Ah, pois! Também vinha uma caixa de bombons. *(Apanha a caixa desfeita e oferece-lha.)* Quer um?

Carteiro – E se estiverem envenenados?

Trocam um olhar perplexo.

7. Endereço errado

Uma pessoa (homem ou mulher) chega, abre a caixa de correio e verifica, com alguma tristeza, que está vazia. Chega outra pessoa, abre também a sua caixa e tira de lá um monte de cartas, surpreendida.

Um – Parece que hoje tens correio...

Dois – É estranho... Normalmente, tirando a publicidade... Vamos ver...

Fica com ar desiludido.

Um – Espero que não sejam más notícias...

Dois – É o correio dos vizinhos do meu andar. O carteiro voltou a enganar-se.

Um – Ah...

Dois – Vou pô-lo na caixa deles.

Um – Pois...

Dois – E tu, também não recebeste...?

Um – Não. Nada hoje.

Ao tentar meter as cartas noutra caixa, deixa-as cair ao chão.

Dois – Bolas!

Um – Espera, ajudo-te.

Agacham-se para apanhar os envelopes e aproveitam para os examinar.

Dois – Olha, não sabia que ele assinava uma revista de mergulho...

Um – E estamos tão longe do mar...

Dois – Se calhar faz mergulho numa piscina.

Um – Ou na banheira.

Dois – E tem aqui uma carta da Associação de Bombeiros.

Um – Talvez seja bombeiro voluntário.

Dois – Ou convidaram-no para o baile anual.

Riem e depois ficam embaraçados.

Dois – Isto não é um bocadinho indiscreto?

Um – É, um bocadinho... Que mais há?

Continuam a examinar o correio.

Um – Um postal.

Dois – De onde?

Um – De Ibiza, nas Baleares.

Dois – O que diz?

Um – Não sei se devemos...

Dois – É um postal! Até o carteiro o podia ler.

Um – «Saudações de Ibiza, onde estamos a passar uma semana de férias. As paisagens são lindas e o tempo está ótimo. Até breve. Beijinhos, Maurício e Jaime.»

Dois – Que banalidade...

Um – As pessoas já não sabem escrever.

Dois – Mas espera...

Um – O quê?

Dois – Está assinado «Maurício e Jaime».

Um – Companheiros de mergulho?

Dois – Ou amigos bombeiros...

Voltam a mergulhar na correspondência.

Dois – Olha, uma carta com a morada escrita a tinta cor-de-rosa.

Um – Ah, sim...

Dois – Quem terá escrito?

Um – Ele é casado, não é?

Dois – Acho que está separado.

Um – Não tem a morada do remetente no verso?

Vira o envelope.

Dois – Geraldo...

Um – Porque é que um Geraldo lhe escreveria a cor-de-rosa?

Dois – Isso talvez explique o divórcio.

Um – Nunca se sabe...

Dois – Só há uma maneira de descobrir.

Abre o envelope.

Um – A sério?

Dois – Desculpa, não resisti. Foi um impulso... Como dizem os assassinos em série.

Um – Já que o abriste, mais vale ler.

Dois – «Olá, Alberto. Desculpa escrever-te com uma caneta cor-de-rosa, mas era a única que tinha à mão. Infelizmente, tenho uma notícia triste: a tia Clara faleceu ontem...»

Um – Uma notícia de falecimento escrita a cor-de-rosa... Também não admira que não tenhamos desconfiado.

Dois – Que desilusão, este correio. Nem sei se vale a pena continuar.

Um – Tens razão. Este tipo é de uma banalidade...

Dois – Completamente transparente.

Um – Tão banal que, se me cruzasse com ele nas escadas, nem sei se o reconheceria.

Dois – Vamos devolver-lhe as cartas.

Coloca o correio na caixa do destinatário e olha para o relógio.

Dois – Bolas, já é tarde! Vou perder a minha série.

Um – Ah, também vês essa?

Dois – Felizmente, temos a televisão para sair um bocadinho da rotina...

Saem.

8. Convite

Uma mulher atravessa o átrio a puxar um contentor de lixo com rodas, do qual sobressaem uns pés, masculinos ou femininos. Entra outra mulher para ver o correio e cumprimenta-a.

Um – Bom dia!

Dois – Ah, bom dia! Tudo bem?

A outra repara nos pés que sobressaem do contentor.

Um – Hoje é o dia da recolha de monos? Pensava que era só para a semana.

Dois – Foi uma emergência...

Um – Limpezas de primavera, então?

Dois – Pode dizer-se que sim...

Empurra os pés para dentro do contentor, de modo a deixarem de se ver.

Um – Também tenho de fazer isso um dia destes. Ao longo dos anos acumulamos tanta coisa...

Dois – Podes segurar-me a porta?

Um – Claro! Espera aí, que te abro.

Vai até à saída e segura uma porta que pode ficar fora da vista do público.

Dois – És muito simpática!

Um – Não tens de quê. Tem um bom dia!

Dois – Obrigada! Igualmente.

A mulher sai com o contentor.

Entra outra mulher para ver o correio.

Um – Ah, bom dia! Muito prazer. Sou a tua vizinha do mesmo andar. Vi-te de longe quando estavas de mudanças...

Três – Fizeste bem. Nessas ocasiões, o melhor é manter uma certa distância... Estou a brincar.

Um – Queria dizer-te... Enfim, seja como for, bem-vinda ao prédio!

Três – Obrigada, és muito simpática.

Um – Somos vizinhas...

Três – Pois...

Um – Vais ver que aqui vive gente muito simpática. E, se precisares de alguma coisa...

Três – Obrigada.

Um – Tenho de ir buscar a minha filha à aula de violino. Tens filhos?

Três – Tenho... Quer dizer, já não. Felizmente, já me livrei deles.

Um – Livraste-te deles?

Três – Meti-os no congelador, assim já não chateiam.

Um – Ah...

Três – Estou a brincar.

Um – Claro...

Três – Já são crescidos. Saíram todos de casa.

Um – É verdade que deixam um vazio. Passamos anos à espera de que saiam e, quando finalmente saem, sentimos a falta deles.

Três – Mas a tua filha ainda mora contigo, não? Se a vais buscar à aula de violino...

Um – Sim, claro... Mas imagino como é. Deves ter sentido um vazio, não?

Três – Quando o mais novo saiu, pensei em adotar um cão. Mas acabou por vir a minha sogra morar connosco.

Um – É verdade, um cão tem de ir à rua três vezes por dia fazer as necessidades. Dá muito trabalho.

Três – Exatamente. Uma sogra dá muito menos trabalho.

Um – Pois...

Três – E existem fraldas...

Um – Pois...

Três – Estou a brincar.

Um – Claro... Bem, vou andando. A minha filha deve estar à espera...

Três – Desculpa não ser muito conversadora, mas ando ocupada com as mudanças...

Um – Compreendo.

Três – Mas havemos de nos encontrar muitas vezes. Afinal, moramos no mesmo andar.

Um – Olha, já agora, porque não vens cá beber um copo esta noite?

Três – Eh... Sim, porque não?

Um – Às sete e meia?

Três – Combinado. *(Olha para o relógio.)* Agora tenho eu de correr, ou o meu primeiro paciente ainda chega antes de mim. Até logo!

Um – Ótimo!

A outra sai. Entra uma quarta pessoa.

Um – Sabes uma coisa? Acabei de conhecer a nova vizinha do nosso andar. Convidei-a para beber um copo cá em casa, esta noite.

Quatro – Convidaste-a?

Um – Convidei. Porquê?

Quatro – Também encontrei o marido dela esta manhã. E sabes uma coisa?

Um – O quê?

Quatro – É inspetor das Finanças.

Um – Das Finanças? Fiscalizações e tudo isso?

Quatro – Precisamente.

Um – Mas nós não temos nada a esconder, pois não?

Quatro – Ah, não? E as prateleiras que o tipo do quinto me instalou no escritório, sem passar fatura?

Um – Também não vai inspecionar-nos a casa!

Quatro – Está-lhes no sangue!

Um – Achas?

Quatro – E, com pessoas destas, teremos de medir muito bem cada palavra.

Um – Mas o que poderíamos dizer de tão grave? Tirando a história das tuas prateleiras...

Quatro – Imagina que nos zangamos com eles.

Um – Mas porque é que nos havíamos de zangar? Nem sequer os conhecemos.

Quatro – Precisamente! Não sabemos o que os pode ofender. Nem conhecemos as opiniões políticas ou religiosas deles.

Um – Normalmente é para isso que se convida alguém: para o conhecer.

Quatro – Sim, mas basta dizer uma coisa de que ele não goste para nos cair em cima com uma inspeção fiscal. E esses tipos, quando procuram, acabam sempre por encontrar...

Um – Meu Deus, tens razão! Porque é que a convidaste? Talvez ainda possamos desmarcar...

Quatro – Agora? Achariam suspeito. Era ainda pior! Ou pensariam que não queremos estar com eles...

Um – Tens razão... E agora?

Quatro – Em que sarilho nos meteste...

Um – E nem sei o que ela faz. Esqueci-me de perguntar... De qualquer maneira, pareceu-me um bocadinho perturbada.

Quatro – É psicanalista.

Um – Como é que sabes? Foi o marido que te disse?

Quatro – Vi-a esta manhã a pôr uma placa à entrada do edifício.

Um – Psicanalista? Então era por isso que me fazia tantas perguntas...

Quatro – Que perguntas?

Um – Sobre as aulas de violino da nossa filha, por exemplo.

Quatro – As aulas de violino?

Um – Achas que as aulas de violino têm algum significado especial para um psicanalista?

Quatro – Para um inspetor das Finanças têm, de certeza. Sobretudo se as pagas por fora...

Um – Isto é um pesadelo!

Quatro – Imagina o suplício que vai ser a noite. Um inspetor das Finanças e uma psicanalista!

Um – Tens razão, temos de ter cuidado com o que dizemos.

Quatro – Vamos falar o menos possível.

Um – Pois...

Quatro – Só que não vai ser fácil.

Um – Claro que não... Convidamos pessoas para conversar e nos conhecermos...

Uma pausa.

Quatro – Hoje é o dia da recolha de monos?

Um – Não, é só para a semana. Por falar nisso, cruzei-me há pouco com a vizinha do quinto que ia levar o lixo... Sabes uma coisa?

Quatro – Não me digas que também a convidaste!

Um – Não. Mas jurava que vi uns pés humanos a sair do contentor.

Quatro – Não achas que temos problemas mais urgentes?

Um – Tens razão... E se lhes puséssemos qualquer coisa nas bebidas? Um sonífero, por exemplo... Só para a noite acabar mais depressa.

Quatro – Achas?

Saem.

9. Carta de amor

Um carteiro chega, procura um nome nas caixas de correio e não o encontra. Aproxima-se uma moradora.

Carteiro – Desculpe... Conhece uma menina Lopes?

Inquilina – Lopes...? Sim, era o meu apelido de solteira. Mas casei há vinte anos e já ninguém me trata assim.

Carteiro – No entanto, a morada é esta...

Inquilina – Deixe-me ver...

O carteiro entrega-lhe o envelope.

Inquilina – Que estranho... Parece um selo de coleção. E o carimbo dos correios é de há uns trinta anos!

O carteiro observa o envelope.

Carteiro – É verdade... Inacreditável.

Inquilina – O que será?

Carteiro – Abra. Afinal, a carta é para si.

Inquilina – Acha?

Carteiro – É a menina Lopes, não é?

Inquilina – Sou... Quer dizer, era.

Ela abre a carta e começa a ler.

Carteiro – Então?

Inquilina – É uma carta de um namorado que tive... O meu primeiro amor.

Carteiro – E o que diz? Se não for indiscrição...

Inquilina – Explica por que faltou ao nosso último encontro. Partiu uma perna e teve de ficar internado no hospital...

Carteiro – Acontece... Sei do que falo, menina Lopes.

Inquilina – E eu que pensei que me tinha deixado plantada...

Carteiro – Naquele tempo não havia Internet nem telemóveis. E que mais diz?

Inquilina – Diz que me ama... Imagine! Se eu soubesse...

Carteiro – É incrível. Trinta anos para entregar uma carta!

Inquilina – Pois é. E não estão de parabéns.

Carteiro – Desculpe?

Inquilina – Se esta carta tivesse chegado a tempo, a minha vida podia ter sido completamente diferente!

Carteiro – Com certeza, mas...

Inquilina – Eu gostava tanto daquele rapaz... Aposto que hoje é alguém importante.

Carteiro – Talvez, mas...

Inquilina – Sabe que podia apresentar uma queixa contra o senhor?

Carteiro – Contra mim?

Inquilina – Contra os Correios!

Carteiro – É o destino, não acha?

Inquilina – Gostava tanto de saber o que foi feito dele...

Carteiro – Como se chamava?

Inquilina – Deve estar escrito no verso do envelope.

O carteiro olha.

Carteiro – Não! Não pode ser!

Inquilina – O quê?

Carteiro – Mas fui eu que escrevi esta carta! Já nem me lembrava!

Inquilina – O senhor? Tem a certeza?

Carteiro – Absoluta! É o meu nome e a morada dos meus pais, onde vivia naquela altura...

Inquilina – Não o teria reconhecido...

Carteiro – Passaram trinta anos... Nunca me esqueci do teu primeiro nome, claro, mas do apelido...

Inquilina – Portanto, acabou por ser carteiro.

Carteiro – Sim... Fiquei tão desanimado por nunca ter recebido resposta... Agora que penso nisso, acho que foi por isso que me tornei carteiro: para levar aos outros as respostas que nunca recebi.

Inquilina – E a sua perna? Ficou boa?

Carteiro – Já nos podemos tratar por tu, não?

Inquilina – Bem... Estou com um bocadinho de pressa. O meu marido está lá fora à espera, no carro.

Carteiro – Claro...

Vê-a afastar-se quase a correr.

Carteiro – Menina Lopes...

10. O intruso

Entra um homem, hesita um instante e senta-se no chão junto às caixas de correio. Começa a dormir. Uma moradora dá com ele.

Inquilina – Vá lá, meu amigo, acorde. Percebo que esteja cansado, mas aqui não pode ficar.

O homem acorda.

Homem – E porque não?

Inquilina – Porque isto é o átrio de um prédio, não é um albergue. Não tem para onde ir?

Homem – Não... Neste momento não tenho residência fixa.

Inquilina – Então ainda com mais razão! Se não tem residência fixa, porque é que a quer fixar precisamente aqui?

Homem – Tem razão...

O homem levanta-se.

Inquilina – Obrigada pela compreensão. Mas sabe uma coisa? No fundo, até o invejo.

Homem – A sério?

Inquilina – Às vezes também me apetecia não ter casa. Não ser obrigada a voltar todas as noites e encontrar sempre a mesma pessoa à minha espera.

Homem – Nesse caso, não me podia acolher por uma noite? Sempre era uma distração para si...

Inquilina – Em minha casa?

Homem – Está tanto frio lá fora...

Inquilina – Eu sei. Esta manhã até vesti roupa interior térmica e, mesmo assim, passei o dia a gelar no escritório.

Homem – Se ficar na rua esta noite, nem sei se amanhã acordo.

Inquilina – Não estará a exagerar um bocadinho?

Homem – Quer ficar com a minha morte na consciência?

A moradora hesita, depois tira uma nota do bolso.

Inquilina – Pronto, hoje é o seu dia de sorte. Tome, vá dormir a um hotel.

Homem – Dez euros? Onde é que arranjo um quarto por dez euros?

Inquilina – Está bem, trinta! E agora faça o favor de se ir embora. Há de encontrar uma pensão barata. Também não vai querer um hotel de luxo, pois não?

Homem – Muito obrigado, minha senhora.

Inquilina – E se nenhum hotel o receber, sempre pode comprar uma garrafa de vinho para aquecer.

Homem – Está a salvar-me a vida. Deus lhe pague...

Entra uma mulher.

Mulher – Mas o que estás aqui a fazer?

Homem – Não sabia o código e perdi o número do teu telemóvel. Como sabia que não devias demorar... Felizmente, esta senhora acaba de se oferecer para me deixar esperar em casa dela.

Mulher – Muito obrigada. É muito simpático da sua parte.

A moradora fica surpreendida, mas tenta disfarçar.

Inquilina – Ora essa. É para isso que servem os vizinhos...

Mulher – Este é o meu irmão. Está a passar uns dias cá em casa antes de ir para o estrangeiro rodar um filme. É ator.

Inquilina – Muito prazer em conhecê-lo.

Homem – Os comediantes nunca tiveram grande reputação. Na Idade Média, tratavam-nos como ladrões de galinhas e nem sequer nos queriam enterrar nos cemitérios ao lado dos bons cristãos.

Mulher – Felizmente já não vivemos na Idade Média... Não devia dizer isto na frente dele, mas é um excelente ator. Vai ver, ainda há de ir longe.

Inquilina – Não duvido...

Homem – Não maças a senhora com isso. De certeza que está desejosa de regressar a casa, para junto do marido.

Inquilina – Bem, então vou andando.

Homem – Mais uma vez, obrigado.

Inquilina – De nada.

Homem – Muito simpática, não achas?

Mulher – Sim... Parece que há muito bom ambiente neste prédio.

Saem.

11. Dar e receber

Entra uma pessoa. Outra vem atrás e, ao vê-la abatida, aproxima-se com preocupação.

Um – Está tudo bem?

Dois – Acabo de enterrar o meu pai.

Um – Enterrar?

Dois – Sim... Enfim, não fui eu que o fiz. Contratei especialistas. Parece que não pode ser de outra maneira. E não sai barato.

Um – Ah, pois...

Dois – Enfim, venho agora do funeral.

Um – Lamento muito. Os meus mais sinceros pêsames...

Dois – Pode guardar os pêsames. Eu detestava o meu pai.

Um – Há sempre uma boa razão para detestarmos o nosso pai.

Dois – Sabe o que mais me irrita nos funerais?

Um – Não...

Dois – Aquelas pessoas que nem são da família, que nunca vimos antes, e que, diante do caixão, desatam a soluçar mais alto do que os filhos do falecido. Como se quisessem fazê-los sentir culpados por não mostrarem uma dor à altura.

Um – Tem razão... Devia haver uma hierarquia. Um limite de decibéis autorizado, conforme o grau de parentesco com o falecido.

Dois – Se os herdeiros diretos não acham necessário chorar diante do caixão, os outros também deviam conter-se, não?

Um – No entanto, parece-me que a morte do seu pai não o deixou indiferente...

Dois – De facto... Foi um duro golpe.

Um – Apesar das vossas divergências, portanto, não tinha cortado relações com ele...

Dois – Não... A última vez que o vi foi no gabinete do juiz.

Um – Do juiz?

Dois – Estava prestes a ganhar a ação que movi contra o meu pai. Agora que morreu, as coisas complicaram-se...

Um – Ah, percebo...

Dois – Receio que o processo acabe arquivado.

Um – É possível... Mas porquê essa ação, se posso perguntar?

Dois – É um pouco complicado de explicar. Resumindo, culpo o meu pai por me ter trazido ao mundo e depois me ter deixado completamente indefeso perante toda a miséria que há nele.

Um – E porque não culpa também a sua mãe?

Dois – Nasci de mãe desconhecida.

Um – De mãe desconhecida? Mas isso é biologicamente possível? No meu tempo... Enfim, com as novas tecnologias, já se sabe...

Dois – Nasci num país desconhecido, de uma mãe de substituição sem documentos, paga em dinheiro, que preferiu manter o anonimato.

Um – Portanto, acusa o seu pai de o ter privado do afeto materno...

Dois – Não, nada disso!

Um – Então porquê levá-lo a tribunal por o ter trazido ao mundo? Não me parece que tenha nenhuma malformação...

Dois – Deus me livre!

Um – Até diria que é uma pessoa muito bem constituída...

Dois – Obrigado.

Um – Então qual é o problema?

Dois – Já olhou bem para o mundo em que vivemos?

Um – Pois... Tantas guerras, o terrorismo, a fome, as alterações climáticas...

Dois – E os impostos sobre o património. Já para não falar do cancro da próstata.

Um – Culpa o seu pai por o ter trazido para este vale de lágrimas que é o mundo moderno...

Dois – Na verdade, é um bocadinho mais complicado...

Um – Está a deixar-me intrigado.

Dois – Antes de morrer, o meu pai legou grande parte da fortuna a uma fundação de combate à fome no mundo.

Um – Ah... Isso é uma coisa boa.

Dois – Sim, mas diminuiu a minha parte da herança na mesma proporção.

Um – Claro... Mas não deixa de ser muito generoso da parte dele.

Dois – Generoso, uma ova! Fez aquilo de propósito para me lixar!

Um – Como assim, para o lixar? Toda a gente é contra a fome no mundo, não é? Não me diga que é a favor...

Dois – Estou a dizer-lhe que só o fez para me deserdar.

Um – Compreendo, mas... O dinheiro vai ajudar pessoas que realmente precisam dele.

Dois – Exatamente! É por isso que o levei a tribunal!

Um – Desculpe?

Dois – Se tivesse deixado o dinheiro ao canalizador ou ao inspetor das Finanças, ninguém duvidaria de que queria prejudicar-me. Mas assim a jogada é muito mais perversa.

Um – Perversa?

Dois – Ao deserdar-me a favor da luta contra a fome, fica com o papel de santo. E eu, se protestar, passo por egoísta: o menino do papá que prefere continuar a comer caviar em vez de abdicar da herança para pôr um pouco de arroz no prato dos pobres.

Um – Quando têm prato...

Dois – Mas não vou deixá-lo rir-se à minha custa!

Um – Compreendo... Quer dizer... Imagino... Mas não vai ser fácil.

Dois – Nem me diga nada...

Um – Como disse, perante o tribunal ficará com o papel de vilão...

Dois – Precisamente. Mas continuo confiante: tenho um bom advogado.

Um – E, se ganhar a ação, o que fará?

Dois – O que quer que faça? Dou imediatamente esse dinheiro à mesma fundação.

Um – Desculpe?

Dois – Não tenho escolha! Se ficar com tudo para mim, passo por um canalha. É isso que pensaria, não é?

Um – Bem... Sim, provavelmente...

Dois – Está a ver? O meu pai era um grande manipulador, como lhe dizia!

Um – Sim... Estou a tentar perceber... Mas não será tudo isso um bocadinho complicado?

Dois – Porque haveria de ser?

Um – Se, no fim, esse dinheiro vai parar à mesma fundação...

Dois – Ah, mas não é a mesma coisa! Nesse caso, sou eu que faço o donativo.

Um – Ou seja, oferece... o dinheiro do seu pai.

Dois – Se o herdar primeiro, passa a ser meu! E terei demonstrado que ele não fez aquilo por generosidade, mas apenas para me lixar. O grande benfeitor da humanidade serei eu!

Um – Claro... Bem... Se isso o faz sentir-se melhor...

Dois – Sim... Mas há uma coisa que ainda me entristece.

Um – A morte do seu pai...

Dois – Não. O facto de que, mesmo que ganhe a ação, ele nunca ficará a saber.

Um – É sempre muito mais difícil vingarmo-nos de alguém que já morreu.

Dois – Pois... E dá muito menos satisfação...

12. Aviso de passagem

Um carteiro vai colocando livros nas caixas de correio. Entra um morador.

Inquilino – Não sabe ler?

Carteiro – Sei, claro que sei! E o senhor?

Inquilino – «PUBLICIDADE NÃO», está escrito na minha caixa!

Carteiro – Mas isto não é publicidade! Sou o seu novo carteiro.

Inquilino – Ah, sim? E isso o que é?

Carteiro – Uma nova iniciativa dos Correios. Agora, com a Internet, temos de diversificar as nossas funções...

Inquilino – E então?

Carteiro – Como as pessoas quase já não recebem cartas, decidimos distribuir correspondência que já está no domínio público.

Inquilino – Correspondência no domínio público?

O carteiro mostra o que traz na mala.

Carteiro – Grandes obras da literatura epistolar: «Cartas Portuguesas», «Cartas Persas», «Cartas a um Jovem Poeta»...

Inquilino – Para quê?

Carteiro – Para devolver um pouco de magia ao mundo! E aos Correios! A correspondência tradicional desapareceu, muito bem. Poupamos papel e salvamos árvores. Mas as pessoas também já não leem. E isso é que é terrível!

Inquilino – Pois, claro.

Carteiro – A literatura é a memória do mundo! Proteger as florestas é importante. Mas também temos de preservar a nossa verdadeira riqueza: os livros, o nosso património cultural! Sabe quantas letras tem o alfabeto?

Inquilino – Umas vinte e seis, não?

Carteiro – Está a ver?

Inquilino – O quê?

Carteiro – Com apenas vinte e seis letras, combinadas entre si, podemos exprimir tudo.

Inquilino – Pois...

Carteiro – E, mesmo assim, vinte e seis são muitas. Sabe qual é uma das línguas com menos letras no alfabeto?

Inquilino – Por acaso, não...

Carteiro – O rotokas, falado na ilha de Bougainville, no Pacífico. Tem apenas doze letras.

Inquilino – A sério?

Carteiro – Doze letras para exprimir todos os pensamentos humanos.

Inquilino – Fascinante... Tem correio para mim?

Carteiro – Dez algarismos para compreendermos o funcionamento do universo.

Inquilino – Pode dar-me o meu correio, por favor?

Carteiro – E sete notas para compor toda a música do mundo.

Inquilino – Portanto, não há correio...

Carteiro – E o que restará de tudo isto daqui a milhares de milhões de anos, quando o Sol, no seu último espetáculo, nos reduzir a cinzas?

Inquilino – Não sei...

Carteiro – Alguns hieróglifos gravados em pedras que ainda não tenham derretido. Umas palavras lapidares, como nos primórdios da escrita. Os primeiros balbucios da humanidade serão também os seus últimos suspiros.

Inquilino – Pois...

Carteiro – Quando os Correios desaparecerem, os epitáfios dos nossos antepassados sobreviverão mais um instante, como um aviso de passagem. Mas lembre-se de uma coisa. *(Solenemente.)* Só a música das esferas nos sobreviverá para sempre. *(Entregue-lhe um CD.)* Tome... Uma última carta. Esta é para Elisa.

O morador pega no CD.

Inquilino – Obrigado.

O carteiro afasta-se e o outro segue-o com o olhar, perplexo.

Inquilino – Não percebi patavina...

Ouve-se «Para Elisa», de Beethoven.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Janeiro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-119-0

Documento para download gratuito